

## Metamuseologia – reflexividade sobre a tríade *musealia*, musealidade e musealização, museus etnográficos e participação indígena

### Metamuseology – Reflexivity about the triad *musealia*, museality and musealization, ethnographic museums and indigenous participation

Marília Xavier Cury<sup>1</sup>

DOI 10.26512/museologia.v9i17.29480

#### Resumo

O texto está estruturado nos pontos: a tríade *musealia*, musealidade e musealização, reflexividade e pedagogia museológica, e curadoria como ação definidora do que entendemos como museu e das participações de atores sociais na musealização. O objetivo é discutir a teoria museológica na atualidade, considerando a participação na curadoria. O método é a colaboração, por permitir relações negociadas no museu. O texto é encerrado com exemplos trazidos de alguns autores e questões sobre a relação entre indígenas e museus etnográficos, colaboração e musealização reflexiva e a subjetividade no museu e nas exposições, como sínteses da tríade.

#### Palavras-chave

Z.Z. Stránský. Teoria museológica. Museu etnográfico. Curadoria. Participação indígena.

#### Introdução

O contexto trazido para discussão se situa no Comitê de Museologia (Icofom), Conselho Internacional de Museus (Icom) que, na virada dos anos de 1970 e na década de 1980, teve seu auge nos debates sobre a Museologia como ciência (hoje tratamos como disciplina científica), seu objeto de estudo e bases metodológicas. São tratados três pontos inter-relacionados e interdependentes: *musealia*, musealidade e musealização. Além do Icofom, temos a Escola de Brno, onde estudos teóricos da Museologia aconteciam desde a década de 1960, com o pensamento de Zbynek Zbyslav Stránský (1926-2016). Na Escola, um exemplo de discussão foi o I Simpósio sobre Teoria Museológica em 1965<sup>2</sup>. Posteriormente, após a criação do Icofom por Jan Jelinek, 1976, e a instalação do comitê em 1977 na Conferência Trienal do Icom, e nos anos de 1980, tanto o Icofom quanto a Escola de Brno tiveram papel destacado para a teoria museológica.

O primeiro encontro internacional do Icofom foi em Leningrado, 1977. O segundo aconteceu em 1978 na Polônia, com o tema e a publicação “Possi-

1 InterMuseologias - Laboratório Interfaces entre Museologias - Comunicação, Mediação, Públicos e Recepção, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo.

2 Ver O objeto da Museologia, Zbyněk Z. Stránský (2017).

#### Abstract

The text is structured in the points: the triad *musealia*, museality and musealization, the reflexivity and museological pedagogy, and curatorship as a defining action of what we understand as a museum and the participation of social actors in musealization. The objective is to discuss museum theory today, considering participation in curatorship. The method is collaboration, for allowing negotiated relationships in the museum. The text is closed with examples brought from some authors and questions about the relationship between indigenous people and ethnographic museums, collaboration and reflective musealization and subjectivity in the museum and exhibitions, as triad synthesis.

#### Keywords

Z.Z. Stránský. Museological theory. Ethnographic museum. Museum Curatorship. Indigenous participation.

Metamuseologia –

reflexividade sobre a tríade *musealia*, musealidade e musealização, museus etnográficos e participação indígena bilidades e limites na pesquisa científica típica para os museus”<sup>3</sup>, e o terceiro na Itália, 1979, o tema, como a publicação<sup>4</sup>, foi designado como “Aspectos sociológicos e ecológicos das atividades do museu moderno à luz da cooperação com instituições afins”. Posteriormente, ano a ano até a atualidade, o comitê trata de questões específicas. Inicialmente, a “meta era a configuração da museologia como um campo de estudo independente” (CURY, 2005: 47). Em 1980, no México, o Icofom avança, com o tema “Museologia: ciência em formação”, e uma pergunta: O que é Museologia?

Discutiu-se, então, sobre o objeto de estudo da museologia. Nesse encontro, foram levantadas duas proposições. Na primeira, de Stránský e Gregorová, o objeto de estudo da museologia é a “relação específica entre o homem e a realidade”. Stránský desenvolveu essa abordagem no final da década de 1970 e apresentou-a como sendo o objeto de estudo da museologia, em 1980. Na segunda, por Waldisa Russio [Camargo Guarnieri] (Brasil), o objeto de estudo da museologia é o “fato museal”, a “relação profunda entre o homem e o objeto (DoTraM, 1980, p.20<sup>5</sup>). (CURY, 2005: 48)

Sucessivamente, o Icofom foi tratando dos seguintes temas: Museologia e interdisciplinaridade (Estocolmo, 1981) e O sistema da Museologia e Interdisciplinaridade (Paris, 1982), debate não ocorrido pelas divergências internas entre teoria museológica e ecomuseologia. Por isso, no ano de 1983, em Londres, aconteceram dois encontros do Icofom. Um deles foi Metodologia da Museologia e formação profissional com as seguintes questões: “qual é o sistema museológico e como se dá a interdisciplinaridade na relação entre a museologia e os diferentes campos de conhecimento? Qual a natureza do conhecimento museológico?” (CURY, 2005: 49). A grande contribuição foi a proposta tripartida – Museologia Geral, Museologia Especial e Museologia Aplicada. O outro encontro em 1983 foi Museu, território, sociedade - novas tendências/novas práticas para discussão em torno dos conceitos de ecologia, territorialidade e território, memória, desenvolvimento, cotidiano, comunidade, identidade. Nesse ano, e por proposição de André Desvallées (França), o Icofom incorpora o conceito de Nova Museologia.

Por décadas, o embate sobre o objeto de estudo da Museologia estava entre a teoria e a prática. Como os debates dos encontros anuais traziam muitos conceitos novos, em 1986 o Icofom organiza o *workshop* para dar conta da indagação: “Museologia – ciência ou apenas técnica?” O debate foi dificultado pela fragmentação dos textos apresentados (*papers*) e pela diversidade de línguas: inglês, francês, checo, holandês, alemão, polonês, português, russo, servo-croata (MENSCH, 1994: 2-3), fato que, interpreto também como jogo de forças dentro do Icofom, aqui manifesto pelas línguas, mas na verdade por visões localizadas, um mapa de disputas a ser elaborado como pesquisa, o que e sob seu ponto de vista, Sofka já iniciou (1995). Ao que parece, o *workshop* não teve uma publicação “[...] e por esse motivo não puderam ter nenhuma influência sobre o desenvolvimento do pensamento relativo ao estado e conteúdo da museologia como disciplina acadêmica” (MENSCH, 1994: 1).

Em 1988, em Hyderabad, durante encontro internacional, de modo ge-

3 Preparada em Brno, com Jan Jelinek e Vera Slana como editores. Para Klausewitz (1997, p.15), esta foi a primeira publicação do Icofom. KLAUSEWITZ, Wolfgang. The first historical phase of ICOFOM - a review with personal reflections. ICOFOM Study Series. N.27, Paris/Grenoble/Annecy, 1997, p. 13-15.

4 Jan Jelinek e Vera Slana como editores.

5 Working Paper com a denominação MuWoP/DoTraM, tendo como comitê editorial V.T. Jensen, W. Klausewitz, A. M. Razgon e V. Sofka.

ral, a grande representação de diferentes países, “[...] admitiu que no nível mais elevado de abstração, só há uma Museologia. No nível prático, [...], podem haver muitas diferenças de acordo com as condições culturais e sócio-econômicas locais”, considerando-se também que na abstração também residem identidades variáveis (MENSCH, 1994: 2).

Sobre um panorama dos encontros internacionais do Icofom, como também uma síntese dos debates do comitê, ver Cury (2005) e Carvalho (2008), como também as edições do Icofom Study Series (ISS), publicação oficial do comitê criada em 1983<sup>6</sup>, em substituição do MuWoP/DoTraM<sup>7</sup>, cujas edições também devem ser consultadas.

Sobre a trajetória do Icofom, alguns autores se debruçaram sobre os debates e discussões. Suely Cerávolo (2004a e 2004b), arduamente tratou das duas principais publicações do Icofom, segundo a autora:

Tomamos como terreno para essa verificação dois tipos de publicações originárias do ICOFOM que se complementam para tal fim: os dois números da *Museological Working Papers* (MuWoP ou em francês *Documents de Travail sur la Muséologie - DoTraM*), e o *Icofom Study Series* (ISS). Ambas responderam, no trabalho, pela teoria. Anunciavam uma certa teoria, em particular a MuWoP, cujos artigos procuraram iluminar o objeto de estudo da Museologia. (CERÁVOLO, 2009: 11)

Os jovens pesquisadores também vêm dando suas contribuições, como Luciana Menezes de Carvalho (2008 e 2017) e Ivan Vaz (2017). A primeira autora trabalhou sobre a trajetória do Icofom e Icofom LAM<sup>8</sup>, o segundo autor se debruçou a estudar o conceito de musealidade, interlaçando as concepções de Stránský com outros autores. Diana Lima (2013) e Bruno Brulon (2017) retomam a revisão do pensamento de Stránský, em se tratando da tríade *musealia*, musealidade e musealização. Anaildo Baraçal (2008), situando-se na Escola de Brno, corajosamente e com a lucidez necessária, mergulha na análise da produção teórica de Stránský<sup>9</sup>. Pelo viés da filosofia, estuda a Museologia na sua relação com o ser e teoria museológica, ou seja, a metamuseologia:

Stránský tem como referencial a Gnoseologia, em que sujeito e objeto são termos fundamentais. O sujeito cognoscente subjaz ontológica ou onticamente, enquanto que o objeto carece de definição. A partir desta e de outras considerações filosóficas, Stránský atinge a sua afirmação da Museologia científica, que instaura a realidade da sua construção enquanto conhecimento. Além da precisão do objeto, outros critérios de identificação científica são a metodologia e a terminologia. A riqueza da nomenclatura cunhada por Stránský – expressa em termos na complexidade conceptual e lingüística de seu idioma natal, o checo - proporciona um debate angular que alimenta o panorama museológico. A questão sobre o objeto da Museologia, complexa já desde 1980, com discussão patrocinada pelo Comitê para a Museologia do Conselho Internacional de Museus, ICOFOM, ainda persiste. Procurou-se nesta dissertação não a resposta ou a geração de uma alternativa conceitual. Diz respeito a uma “arqueologia”, uma busca por fragmentos estimuladores da crítica e da criatividade analítica. (BARAÇAL, 2008: vii)

6 Em: <http://network.icom.museum/icofom/publications/icofom-study-series/>.

7 Publicações históricas, registros de grandes debates sobre teoria museológica no Icofom, podem ser acessadas em: <http://network.icom.museum/icofom/publications/museological-working-papers/L/10/>.

8 Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe, criado em 1989 na Conferência Geral do Icom em Haya. Ver: <http://network.icom.museum/icofom/who-we-are/subcommittees/welcome-to-icofom-lam/>.

9 Sobre biografia de Stránský, ver Baraçal (2017: 2-5) e Brulon; Baraçal (2017: 299).

Metamuseologia –

reflexividade sobre a tríade *musealia*, musealidade e musealização, museus etnográficos e participação indígena

Na dissertação do museólogo, também temos ampla discussão sobre as contribuições de Stránský, especialmente porque, por intermédio de Jan Dolák, obteve, em 2007, conjunto de textos de e sobre Stránský, a grande maioria em checo, o que o fez buscar a tradução (BARAÇAL, 2008: 7) e enfrentar a sua própria interpretação a partir da leitura dos originais, mas, antes disso, fazer a revisão da tradução, buscando os conhecimentos linguísticos necessários, em se tratando a tradução de texto do tronco eslavo para línguas neo-latinas (BARAÇAL, 2008: 11-12). Para tanto, obteve a ajuda de Dolák e do próprio Stránský. Sobre o propósito de Baraçal (2017: 15):

Não pretendemos negar o aspecto perceptivo da Museologia, nem o Museu-sociedade como objeto, mas pensar sobre uma ontologia da representação do conhecimento: a essencialidade humana de musealizar a sua consciência de ser, independente do contexto ou da expressão cultural própria ou representada. O que cogitamos trazer à consideração é a importância do aspecto ontológico para a construção do campo [...].

Notadamente, outras referências nos informam sobre o pensamento de Stránský e reflexões contemporâneas, conforme a obra “Stránský: uma ponte Brno – Brasil”, organização de Bruno Brulon e Anaildo B. Baraçal (2017), com artigo do próprio Stránský, como também contribuições de Teresa Scheiner, Anaildo Baraçal, Bruno Brulon, François Mairesse, Anna Leshchenko, Jan Dolák e outros.

Peter van Mensch (1994) nos oferece uma síntese dos debates dentro e fora do Icofom, para termos, segundo ele, a diversidade de opiniões, tipologia e orientações, sem ser “um inventário das escolas museológicas” (p. 3). Ele elenca e apresenta (MENSCH, 1994: 4-11), Museologia como estudo da/o(s): (1) Finalidade e organização de museus; (2) Implementação e integração de um conjunto de atividades visando à preservação e uso da herança cultural e natural; (3) Objetos de museus; (4) Musealidade e (5) Relação específica do Homem com a Realidade.

Entre as tendências apontadas por Mensch, nos interessa particularmente as discussões levantadas por Stránský sobre *musealia*, musealidade e musealização, ou seja, a tríade colocada estruturalmente para a discussão teórica da Museologia, sem prejuízo de outras discussões pois, como mencionado, mesmo no mais alto nível de sua abstração, a Museologia apresenta muitas identidades.

Entre teoria da Museologia e os sentidos da musealidade, os esforços de Z. Z. Stránský de definir Museologia podem trazer alguns elementos de base. Para esse pesquisador (1980 apud MENSCH, 1994: 10-11):

O objeto de estudo da museologia é interpretar cientificamente essa atitude do homem em relação à realidade (i. e. a atitude específica que encontra sua expressão na tendência de adquirir e preservar autênticas representações de valores) e fazer-nos entender a musealidade em seu contexto histórico e social.

Então, musealidade<sup>10</sup> são as qualidades e os valores atribuídos aos objetos museológicos, *musealia*, como ação humana, a ser estudada pela Museologia, nas dimensões dos sentidos e dos comportamentos culturais, para compreensão do processo de preservação que, para os museus, é designado como musealização.

10 Cf. Brulon (2017: 412), o “conceito de musealidade [...] como a ‘qualidade’ ou o ‘valor’ dos *musealia*, aparece na obra de Stránský em 1970”.

O que se propõe a tratar neste texto é a discussão de como a tríade se coloca, considerando também que na década de 1980 deu-se a virada para a pós-modernidade e a pós-colonialidade, conferindo, inclusive, como a tríade se sustenta no século XXI, na virada para a terceira década.

No que concerne à análise proposta na atualidade, recorre-se a reflexões em museus etnográficos, notadamente aqueles que enfrentam os desafios contemporâneos das incorporações das práticas participativas na sua lógica de trabalho, a museografia como Museologia aplicada. Em outros termos, tendo o cotidiano do museu etnográfico em consideração, as novas práticas relacionadas à diversidade, diferença e ao direito à memória, o objetivo deste texto é averiguar como a tríade se sustenta na preservação do patrimônio indígena. Se a teoria fundamenta a discussão, o método colaborativo sustenta reflexivas contemporâneas, em se tratando das perspectivas descoloniais da Museologia e o museus como *locus* de muitas práticas, onde a descolonização é mais uma opção, entre outras (MIGNOLO, 2018), que não pode ser negligenciada. São essas novas práticas e a nossa capacidade de integrá-las no cotidiano que colocam os profissionais de museus hoje numa reflexiva que, por constante movimentação e superação da dicotomia entre teoria e prática, pode ser abordada como uma pedagogia museológica. Sobre isso trataremos a seguir.

### **I. A tríade *musealia*, musealidade e musealização**

Nos interessa discutir conceitos inerentes à Museologia e três deles são fundantes, como propostos, discutidos e modificados por Z. Z. Stránský por décadas (entre os anos de 1960 e 1990). O primeiro conceito é *musealia* – objetos de museus (e não objetos no museu) ou objetos museológicos. O segundo conceito é musealidade como “qualidade” ou “valor” dos *musealia*. Um conceito está imbricado no outro e o que os une e dá sentido é a musealização, uma vez que é o processo de “reposicionamento” dos objetos em outro lugar, o museu, passando para outro sistema cultural, a preservação, e por outras lógicas, a museografia, para distintas finalidades – pesquisa e comunicação e, no caso dos museus universitários, o ensino. A tríade, na sua unidade, concilia a disputa do objeto de estudo da Museologia, dividido por muito tempo entre teoria e prática que se dá no museu.

*Musealia*, objetos que têm seu estatuto modificado pela musealização, pelos atributos (valores, qualidade) atribuídos pelo museu e no museu. *Musealia*, termo introduzido em 1969 por Z. Stránský<sup>11</sup> (MORA, GANDHOUR, 1997: 48) para designar o objeto museológico (ou museal). Posteriormente, foi definido por Schreiner e Schwerin<sup>12</sup> (1984: 27) como:

[...] part of our cultural and natural heritage (...) *musealia* are such movable authentic objects which, as irrefutable evidences, exemplify the development of nature resp. (sic) society for a long time, are set to a fixed state, and were chosen and acquired (sic) for the collection stock in order to preserve, to decode, to exhibit them resp. for further use in research, teaching, education and recreation.

*Musealia*, objetos para expor para o outro no museu, o visitante, objeto para mostrar. “Essa operação de ‘mostração’, para utilizar um termo mais gené-

11 Desvallées, Mairesse (2014: 57) afirmam que foi em 1970. Para Brulon (2017: 411): “O termo foi introduzido na metade dos anos de 1960 [...]”.

12 Apresentado ao Symposium Collecting today for tomorrow, subtópico I – Museum object – what and why. Leiden, 1984.

Metamuseologia –

reflexividade sobre a tríade *musealia*, musealidade e musealização, museus etnográficos e participação indígena rico que o de ‘exposição’, é tão importante que cria a distância [...]” (DESVALLÉES, MAIRESSE, 2014: 69), em outros termos, objetividade para ser observado para a subjetividade da interpretação. Nesse sentido, os recursos expográficos, por exemplo a vitrine, funcionam também como sinalizadores de que *musealia* é “aquilo que nos é apresentado não pertence à vida, mas ao mundo fechado dos objetos” (DESVALLÉES, MAIRESSE, 2014: 70) que é o museu. Isso significa que esse objeto adquire um outro valor, cultural e simbólico, em um outro lugar social.

Musealizamos porque os objetos possuem a sua musealidade (qualidade histórica, antropológica, sociológica, técnica, artística, econômica etc.). A musealidade é atribuída e pode ocorrer por critérios determinados por especialista e/ou grupos culturais através da participação nos processos de musealização.

São muitos os termos na Museologia que partem *genus proximum* e nos levam ao fenômeno museu (STRÁNSKÝ, 2008: 102), musealização é um deles.

O termo musealização, seu uso na bibliografia especificamente, é o mais recente da tríade. O verbo musealizar – muséaliser –, como também o termo musealização – muséalisation –, foram utilizados por Guarnieri, assim registrado no *paper* apresentado pela autora durante encontro anual do Icofom. Para Guarnieri (1981: 59) musealização

[...] repose sur des recherches préalables, sur la sélection des objets eux-mêmes, sur la documentation, la gestion, l’administration, la conservation et éventuellement la restauration. Cette muséalisation recouvre donc des actions très différentes qui dépendent de domaines scientifiques très divers.

No Dicionário de Museologia (*Dictionarium museologicum*) publicado em 1986, com a participação de Waldisa Russio Camargo Guarnieri, o termo não consta, como também seu uso não aparece mencionado como uma inovação ou um conceito incorporado durante os 20 anos do Icofom (MORA, GANDHOUR, 1997).

Para Desvallées, (1998: 229) musealização é “Opération tendant à extraire une (ou des) vraie(s) chose(s) de son(leur) milieu naturel ou culturel d’origine et à lui(leur) donner un statut muséal”. Aqui o autor se refere tanto ao estatuto legal quanto ao conjunto de regras e procedimentos que orientam o tratamento dos objetos em museus. Para Desvallées e Mairesse (2011<sup>13</sup>; 2013), há sentidos distintos para musealização. Um deles é tornar-se museu, quando dado sítio – histórico, natural, etnográfico, por exemplo –, torna-se museu. No entanto, mas especificamente em termos museológicos, os editores mantêm a conceituação de Desvallées de 1998.

Não basta estar no museu, o objeto necessita tornar-se museológico e fazer parte de uma realidade cultural distinta da sua origem ou procedência anterior. Conforme Desvallées e Mairesse (2013: 57-58), vários autores se referem analogamente à fase inicial da musealização: separação (MALRAUX, 1951), suspensão (DÉOTTE, 1986) e remoção (DESVALLÉES, 1998). É a musealização, o processo que altera o estatuto do objeto. No museu, passa a se constituir como testemunho autêntico sobre a realidade.

O trabalho da musealização leva à produção de uma imagem que é um substituto da realidade a partir da qual os objetos foram selecionados. Esse substituto complexo, ou modelo da realidade construído no seio do museu, constitui a musealidade, como um

13 No verbete, ver Regard & Analyse, Mairesse, com explanação sobre Musealização.

valor específico que emana das coisas musealizadas. A musealização produz a musealidade, valor documental da realidade, mas que não constitui, com efeito, a realidade ela mesma. (DESVALLÉES, MAIRESSE, 2013: 58)

Entende-se o processo de musealização como uma série de ações sobre os objetos, quais sejam: aquisição, pesquisa, conservação, documentação e comunicação, mas também e igualmente, como notado por Guarnieri (1981: 58-9), a gestão, administração. O processo se inicia ao selecionar um objeto de seu contexto e se completa ao apresentá-lo publicamente pelas exposições, de atividades educativas e de outras formas. Compreende, ainda, as atividades administrativas ao fundo desse processo único, pois não se confunde com outras situações de preservação.

Por outro lado, a exposição, forma específica de comunicação museológica, também procede de uma seleção por valores. “La communication muséologique entraîne une mise en valeur, une emphase sur certains objets” (GUARNIERI, 1981: 59). Os objetos selecionados para uma exposição são, na verdade, escolhidos (valorados) duas vezes: a primeira para integrar o acervo da instituição (ou *in situ*) e a segunda para associar-se a outros objetos – também escolhidos – para serem expostos ao público.

“A questão do valor, ou de sua atribuição social, iria deflagrar no pensamento de Stránský, finalmente, um interesse pela musealização, concluindo a sua tríade conceitual para a Museologia” (BRULON, 2017: 413). Brulon (2017: 414) continua, para Stránský (1974: 31) a musealização abarca a seleção (potencial de musealidade), a tesauroização (inserção do objeto em um sistema documental) e a comunicação (atribuição de sentidos e disseminação e acesso, papéis científico cultural e educacional). E segue o pensamento: “[...] Museologia como ciência que estuda, não os valores em si, mas sua construção social, que Stránský é levado a conferir relevância ao conceito de musealização” (BRULON, 2017: 414). Citando Stránský (1995: 19), o autor complementa que: “[...] é somente por meio de métodos específicos da museologia que é possível descobrir aquilo que faz de um objeto comum um objeto de museu” (BRULON, 2017: 413). E segue na síntese:

[...] a musealização como processo que conduz à apropriação específica – criadora de cultura – ao mesmo tempo da realidade natural e da realidade humana [Stránský, 1995: 29]. O que distingue a musealização de outras formas de conservação, para Stránský, é o momento decisivo da passagem da realidade, tal como ela se apresenta materialmente, para sua elevação em direção da realidade cultural, museológica. (BRULON, 2017: 413-414)

Musealização, então, é um processo de seleção, suspensão, retirada de objetos de certo circuito (de uso ou funcionalidade, simbólico, econômico e outros), o reposicionamento dele numa instituição, o museu, mantida por uma gestão, cuja administração permite que os *musealia* recebam cuidados. Esse movimento requer seleção e criticidade – distanciamento e objetividade – e escolha e vontade – preferência e subjetividade. E por mais que se diga que os objetos têm em si uma representatividade de dada circunstância complexa, a realidade, eles falam igualmente daqueles que os escolheram para finalidades diversas, simbólicas fundamentalmente.

A musealidade como construção social e os seus estudos apoiados na musealização dão corpo à Museologia como disciplina científica. Mas, a muse-

Metamuseologia –

reflexividade sobre a tríade *musealia*, musealidade e musealização, museus etnográficos e participação indígena alização mantém e atualiza a musealidade e atribui aos *musealia* a musealidade, como também atribui aos *musealia* sua perspectiva comunicacional. Ainda, é a musealidade (qualidade e valores) que movimenta a musealização. Em síntese, se a musealidade é o valor ou qualidade daquilo que é musealizado, é a musealização, como processo, que sustenta os valores ou qualidades no presente. Dito de outra forma: “A musealidade não é mais apenas o objeto de estudo das propriedades/qualidades dos objetos, mas um fator de construção, valorização e transmissão dessas mesmas propriedades/qualidades” (VAZ, 2017: 44), mas de outras também e igualmente, fazendo com que a musealidade seja ora excludente – porque retira/omite atributos, ora cumulativa, por reter muitas e diferentes atribuições de diferentes orientações de múltiplos contextos e fragmentações sociais, indo além dos “experts”. Com isso, temos que colocar em discussão o pós-colonialismo, a descolonização e as conquistas civis em torno do direito à memória e à participação na musealização.

Jan Dolák, ao apresentar os conceitos básicos de Stránský<sup>14</sup>, comenta sobre um dos componentes do sistema da Museologia (2017: 180) – a Museologia Social<sup>15</sup>. Para Stránský: “O objeto da museologia social é o fenômeno da musealização no contexto da sociedade contemporânea” e continua: “Apenas a museologia social pode nos ajudar a nos mover adiante, transformando os museus para o benefício da sociedade”, acrescentando:

museus não são “templos de bons tempos antigos”, tampouco são apenas algo para as próximas gerações. Museus devem servir especialmente para a geração presente. Cada ser humano quer saber quem ele/ela é, para que ponto está se dirigindo e para onde. Os museus podem (devem) ajudar com soluções para essas questões. (DOLÁK, 2017: 181)

Sem esse dinâmico processo, a musealização, que atribui qualidades e valores, musealidade, os *musealia*, fadados ao distanciamento da sociedade, são alienados do museu e da Museologia. Se musealização é um processo, a musealidade é também, portanto os *musealia* não são definitivos como objetos museológicos, é um processo constante de (re)construção também. Nesse sentido, no museu como fora dele, nos deparamos e compartilhamos com a musealização sucessiva e constantemente.

## 2.A reflexividade e pedagogia museológica

Muitos autores da Museologia trabalham com a reflexividade, ou seja, relação entre teoria e *praxis*, teoria em construção em um contexto – o museu –, atitude crítica de fazer e entender o que está em construção para a Museologia. O próprio Stránský<sup>16</sup> (2008: 102), ao abordar a importância dos termos em Museologia, menciona teoria da prática de museus, complementando: “Isto estaria em total acordo com a relação geral: teoria e prática”, reforçando, a seguir, o impacto dessa teoria sobre o ensino da Museologia. No confronto entre a teoria e a prática, nos deparamos com o fenômeno do museu (STRÁNSKÝ, 2008: 105).

A reflexividade, também e principalmente, é definidora dos conceitos

14 Cf. Dolák (nota 1, 2017: 178), “Grande parte deste texto é retirada de STRÁNSKÝ, Z.Z. *Museology. Introduction to Studies*. Brno: Masaryk University, 1995”.

15 Brulon; Baraçal (2017: 10) acreditam que Stránský foi, possivelmente, o primeiro a usar esse termo.

16 Originalmente publicado em MUWOP/DOTRAM, v. 1, 1980.

de base que constituem o museu (categoria, modelo) e seu estatuto conceitual alinhados, coerência entre teoria e *praxis*, o que o museu é ou se propõe a ser, como opera, trabalha, e o que revela de si nas interações que propõe e ações curatoriais, entre elas, e com destaque, à comunicação museal, especificamente, exposição e ações de educação.

Ao meu entender, a tríade *musealia*, musealidade e musealização com a reflexividade proposta, constitui o que Cristina Bruno denomina como “pedagogia museológica”. Segundo a autora:

As premissas para a compreensão da ‘pedagogia museológica’ estão vinculadas ao entendimento sobre a potencialidade da cadeia operatória de procedimentos de salvaguarda e comunicação e que o conjunto destas operações se constitui em um processo pedagógico de percepção, preservação e extroversão dos indicadores da memória e da informação correspondente. (BRUNO, 2015: 5)

Alguns autores tratam da reflexividade, contribuindo com a metateoria. Bruno Brulon recorre a antropologia, a performance e a Victor Turner (1988) que “se distancia da analogia com o espelho, para falar em reflexividade no sentido estabelecido por um verbo reflexivo” (2017: 151). Na sua aplicação na Museologia, Brulon menciona as experimentações nos ecomuseus “como modelos experimentais que eram colocados em prática ao mesmo tempo em que alimentavam um campo de debates metateóricos e de reflexões museológicas” (BRULON, 2017: 154), estruturando o campo museológico reflexivo.

Talvez possamos, a partir disso, dizer que ao passo que construímos museus, nos formamos como profissionais-pesquisadores e fazemos teoria sobre teoria – metateoria, metamuseologia. “A Museologia Reflexiva pode ser percebida, assim, como a consciência permanente da Museologia” (BRULON, 2017: 159; BRULON, 2017: 419), mas acrescentaria, a consciência de nossa atuação no museu e na musealização, o que se associaria à pedagogia museológica.

Em termos metodológicos, se pretendemos entender a musealização como uma prática social, os agentes que fazem os museus e suas agências devem ser estudados pelos cientistas e pesquisadores da Museologia atual. No entanto, quando as mesmas pessoas desempenham ambos os papéis – isto é, o cientista que também é o profissional de museus – a distância científica dependerá de um exercício de reflexividade em sua própria prática museal. Aqui, o museal será claramente separado do museológico com o artifício da performance. (BRULON, 2017: 418)

Para Brulon, a “reflexividade no ato de fazer ciência pode se revelar como um processo fundamental, que inclui o autoconhecimento e a revisão de paradigmas” (BRULON, 2017: 419), como a pedagogia museológica se sugere a inserção dos sujeitos no processo em constante mutação.

Na formação de saberes docentes, Silvia Nóbrega-Therrien, Eunice Menezes e Jacques Therrien tratam do exercício reflexivo inerente ao percurso formativo contínuo, com “profissionalismo inteligente, reflexivo, situado” (2015: 174-175). Os autores se apoiam em Dewey:

Como pensador pragmatista, Dewey defende a indissociabilidade entre pensar e agir, pois afirma que “agir envolve necessariamente pensar”, uma vez que, a “ação genuína é aquela dirigida pelo pensamento, por ideias e juízos” (DEWEY, 1959, p.25). Em contrapartida, “pensar, envolve agir”, porquanto “o pensamento genuíno é uma etapa da ação de investigar” (DEWEY, 1959, p.25). Esse pensamento

Metamuseologia –

reflexividade sobre a tríade *musealia*, musealidade e musealização, museus etnográficos e participação indígena

de Dewey atribui o exercício da reflexão a um fim educacional pelo seu potencial de vincular o pensar e o agir. (NÓBREGA-THERRIEN, MENEZES, THERRIEN, 2015: 178)

Também se sustentam em Habermas (1987) e na potencialidade da linguagem. “é de se esperar que os sujeitos falantes tenham condições racionais e criativas para que se estabeleça comunicação entre si e consigo mesmos, uma vez que é a linguagem o elemento estruturante do agir comunicativo, um conceito de Habermas” (NÓBREGA-THERRIEN, MENEZES, THERRIEN, 2015: 184), “uma relação entre iguais que declaram suas pretensões de fazer valer algo com o objetivo de chegarem a um acordo com âncora em convicções próprias, porém sem imposição de poder” (idem). Completam sua conceituação com Vygotsky (2001), associando a reflexividade à ação comunicativa e a geração de sentidos e significados. “Em suma, ao se apropriar das atividades socialmente enraizadas e historicamente desenvolvidas, sentidos e significados vão sendo internalizados e externalizados pelas gerações. Isso prevê um movimento de consciência interior, bem como de consciência coletiva” (NÓBREGA-THERRIEN, MENEZES, THERRIEN, 2015: 187). Três autores para nos ajudar a melhor pensar a atuação dos agentes nos processos de musealização – os profissionais envolvidos – e conseqüentemente da musealidade –, exercício de interação necessário para a reflexividade. O que os autores propõem é pensar sobre os papéis dos agentes em um agir comunicacional intergeracional, o protagonismo e a autonomia na participação de um processo de contínua formação, e a relação agir-pensar/pensar-agir, o que interessa a museologia reflexiva e coloca a pedagogia museológica em evidência.

No que se refere à participação de comunidades na musealização, Norma Angélica Ávila Meléndez (2015: 33), baseada em Galindo Cáceres (2003), reflete sobre as contradições que podem ser geradas entre comunidade e especialistas em ações conjuntas, o que leva a um processo de reflexividade:

la acción reflexiva, esa doble dimensión en juego que busca el conocimiento de cierto objeto y simultáneamente reordena sus visiones sobre los pasos constructivos del objeto: “hacer lo mismo que hacemos todos los días pero mirándonos y decidiendo si queremos seguir así o modificar nuestras prácticas y ecologías. (GALINDO, 2003)

Ávila esclarece: “[...] la construcción colectiva del conocimiento entre comunidades heterogéneas que se alternan en el rol de ‘expertos’, en los papeles de ‘el que habla’ y de ‘el que escucha’, haría posible reconfigurar los postulados sobre los usos sociales del patrimonio cultural” (ÁVILA, 2015: 33). A autora completa:

La riqueza de la *experiencia museológica* reflexiva propicia que los sujetos no solamente observen objetos museales, sino que observen también el proceso de musealización de esos objetos, en suma, la posibilidad de observarse observando una mirada museológica que – desde la operación reflexiva – es comunitaria. (idem, grifo da autora)

Ao se referir à Museologia científica, Stránský (2008) sugere alicerces para a construção de conhecimento: o objeto de estudo próprio, a terminologia e a metodologia. Os três alicerces são interdependentes, o que delimita o museológico do que é de outros campos atuante no museu. No que se refere à metodologia, a reflexividade é um caminho propício, pois considera as mesclas de

papéis entre profissional e pesquisador na construção teórica, como abordado por Brulon Soares (2017) e Brulon (2017), a interação entre agentes em interação comunicacional em um processo de formação de saberes e possibilidade transformadora da prática (NÓBREGA-TERRIEN, MENEZES, TERRIEN, 2015) e a entrada, a participação ativa propriamente, de agentes externos ao museu, grupos e comunidades implicadas na musealização (ÁVILA, 2015) e na construção da musealidade. Vislumbramos, no entanto, estratégias metodológicas para definição participativa dos agentes implicados – profissionais, pesquisadores e atores sociais. A pesquisa-ação é

un diálogo horizontal entre saberes: los saberes de los investigadores profesionales y los saberes de los expertos de la comunidad. La dimensión ética se aprecia en las maneras en que unos y otros colaboran y toman decisiones durante el proceso museal y el grado de compromiso que manifiestan no solamente con la investigación en sí, también con los cambios que se buscan por medio de la investigación.

El quid de este eje analítico tiene que ver con el grado de control de los procesos, pero también con el hecho de que estas comunidades –la “externa” y la “interna”, se afectan unas a otras desde sus particulares intereses. (ÁVILA, 2015: 29)

Outra estratégia metodológica é a colaboração no museu.

De maneira reflexiva, essas práticas também permitem pensar, em outros termos, a nossa própria relação com os objetos e o museu. Além disso, permitem rever a nossa ‘prática teórica’ enquanto pesquisadores e profissionais de museu. Outros significados vão sendo incorporados aos objetos nos museus na medida em que não somos nós – os profissionais de museus – apenas, que fazemos a pesquisa, organizamos e pensamos sobre eles. (cf. Pearce, 1999; Engelstad, 2010; Kreps, 2011; Silva; Gordon, 2013). (SILVA, 2016: 75)

A pedagogia museológica é um conceito instigante que necessita de experimentações metodológicas que propomos pela reflexiva como capacidade de transformação constante, a colaboração, dialógica na realidade empírica, e pela pesquisa-ação, porque implica um comprometimento dos pesquisadores e profissionais na pesquisa como observador-observado. Destarte, a metodologia para a Museologia era para Stránský como ainda é para os profissionais hoje algo em construção. Para tanto, experimentações podem ser promotoras de caminhos metodológicos flexíveis e criativos que acompanhem a sociedade nas suas constantes mudanças e demandas.

### 3. Curadoria

Na reflexividade como pedagogia museológica, associaria à tríade *musealia/musealidade/musealização*, a curadoria, aqui entendida como o ciclo completo de ações interligadas em torno do objeto museológico, é o todo, mas também cada uma das partes. A curadoria é parte essencial da musealização, são os cuidados com o objeto nos aspectos materiais, documentais e da musealidade.

Todos aqueles que participam da curadoria, porque contribuem com a musealidade, são curadores. Os curadores são os agentes do processo, quais seriam à priori:

1. Os profissionais de museu – todos os envolvidos: arqueólogos, antropólogos, museólogos, educadores, conservadores, documentalistas, arquitetos etc.

2. Os visitantes do museu.

3. Os *constituents*<sup>17</sup> – de quem se fala no museu, os integrantes das culturas relacionadas ao museu. Neste texto os povos originários no Brasil.

4. Os encantados que, desde a espiritualidade indígena, fazem suas contribuições, especialmente por meio dos pajés. (CURY, 2019a, CURY, 2018, CURY, 2017b)

Conforme João Pacheco de Oliveira e Rita de Cassia Santos: “Os desafios postos pelas práticas museais contemporâneas passam pela incorporação do ‘outro’ como sujeito cognoscente equivalente aos demais membros dos museus” (2019: 12). E afirmam que “A construção plena de conhecimento – e a mudança significativa em relação aos museus e à própria Antropologia [acrescento Museologia] – advirá de uma construção conjunta de proposições teóricas e, em última instância, de horizontes políticos comuns” (idem), em se tratando das relações entre indígenas e museus e sobre as narrativas por eles (indígenas) e sobre eles elaboradas. Essa construção conjunta requer um esforço de colaboração como estratégia metodológica crítica e constante (ROCA, 2015b). Na relação com indígenas, a colaboração é relativamente recente, mas promissora, se estruturada na crítica teórica pós-colonial da Antropologia e da Museologia. É a colaboração um dos métodos para a indigenização do museu (ROCA, 2015a), processo sem retorno, mas que precisa de atenção pelos e nos museus etnográficos e outros, pois não se restringe aos primeiros.

Fabiola Andréa Silva (2016), pesquisadora de museu que atua em colaboração com povos originários, cita lideranças Asurini como proponentes de suspensão e musealização, ao selecionarem objetos especiais para integrarem um museu. A autora nos dá três exemplos da percepção indígena sobre o museu formada ao longo de anos de trabalho colaborativo:

Quando retornei à aldeia em 2008, Wewei – uma das velhas ceramistas que estiveram em São Paulo [MAE-USP] em 2007 – me pediu que levasse o seu cesto *arakuryna* para o museu a fim de guardá-lo. Segundo ela, tratava-se do último cesto desse tipo existente em sua casa, e seu marido e filhos não sabiam como reproduzir um cesto como esse. ‘Se ele continuar na aldeia vai se estragar’. (SILVA, 2016: 73)

Em 2010 durante pesquisa etnoarqueológica com os Asurini, sobre uma cerâmica escavada:

[...] um casal de velhos, Moreyra e Marakowa, surgiu com uma vasilha cerâmica do tipo *yava*, que servia para armazenar e transportar água e que hoje está completamente em desuso. Disseram que eu deveria levá-la para o museu e guardá-la, pois era de grande perfeição, como não se via mais na aldeia. Segundo eles, se ficasse na aldeia poderia quebrar. (SILVA, 2016: 73)

Em 2013, no projeto de Arqueologia, os Asurini surpreenderam-se com os achados arqueológicos, guardaram as cerâmicas, uma liderança explicou: “Fabiola, a gente pode ver esse projeto como um tipo de resgate. Eu vou levar esta panela e guardar para a minha filha e, quando ela crescer, ela vai poder aprender a fazer esta panela de modo como faziam os antigos.” (SILVA, 2016: 74)

Situação semelhante de suspensão e iniciativa de musealização por indígenas ocorreu no projeto de exposição e educação colaborativo “Resistência já!

17 Ames (2019: 58, nota 5): “Welsh [1988] chama de ‘público visitante’ aqueles que vão ao museu para vê-lo, e de ‘constituents’ aqueles cuja cultura está sendo vista/exposta. Para Welsh, ambos são considerados *constituencies*.”

Fortalecimento e união das culturas indígenas – Kaingang, Guarani Nhandewa e Terena (CURY, 2019b). Três iniciativas<sup>18</sup> podem ser mencionadas, a primeira envolveu o grupo Guarani Nhandewa (Aldeia Nimuendaju, TI Araribá, SP) que doou para o MAE-USP um conjunto de objetos que, dialogando com as coleções sob a guarda do museu desde 1947, prepararam para a exposição, com os devidos esclarecimentos do cacique Claudino Marcolino: guardar, como os vídeos gravados durante os trabalhos de requalificação, para as futuras gerações Nhandewa, para fazerem parte da história do grupo, como outros são hoje para eles. A segunda, o Rodrigues Pedro doou uma faixa tecida masculina de cintura que ganhou da própria artesã, sua mãe. O doador Terena me entregou em mãos durante uma visita a ele na TI Icatu (SP). Insistiu que a levasse, quando lhe disse para guardar para o neto, me respondeu, “guarde no museu!” Terceiro, as Kaingang das TI Icatu e Vanuíre (SP) doaram cerâmicas, seguindo a tradição do povo. As peças foram preparadas pelas mais velhas que aprenderam com suas avós e mães, mas também por meninas orientadas por elas, hoje avós. A Kujã, pajé, Dirce Jorge Lipu Pereira preparou e doou duas vestimentas completas de dança para menina e menino. Quando entregues perguntei sobre a motivação para a doação: “para o museu guardar por 100 anos para nossos netos”.

Num caso como no outro os indígenas veem no museu etnográfico e universitário um bom lugar de guarda dos “seus” *musealia* para as futuras gerações, como legado. Nesses casos, ainda, a musealidade recai sobre as tradições, como também na resistência cultural e no projeto político dos indígenas que encontram no museu um bom lugar de preservação e de autorrepresentação. Os profissionais de museus, curadores, encontram aqui o desafio reflexivo, o que envolve o ético, de trabalho com os curadores indígenas e encantados curadores (CURY, 2019a, CURY, 2018, CURY, 2017b), incorporando no museu princípios outros que exigem novos procedimentos, sobretudo ao que se refere ao que pode ou não pode ser disseminado, o que pode, mas não deve ser divulgado, ou seja, a gestão de acervo precisa rever sua política (CURY, 2016), como seria fundamental que as políticas públicas museais se aprimorassem nessa direção, para apoiar não somente novos procedimentos, mas principalmente novas éticas (CURY, 2016).

Há experiências museais reflexivas no Brasil, respaldadas na colaboração e pesquisa-ação que podem corroborar. São inúmeras as ações de curadorias compartilhadas de exposições e requalificação de coleções, para citar as ações mais recorrentes (CURY, 2017a), que precisam se tornam mais constantes e disseminadas institucionalmente, revertendo situações ainda vigentes: “Frequently, however, subject communities and the dominant-society museums that seek to exhibit their heritages are distant from each other. In such situations, building reciprocities that truly serves tribal communities’ needs requires bringing something back to the communities.” (HOERIG, 2010: 70)

Carla Padró, destacando a reflexividade para a Museologia Crítica “Reconocer el carácter subjetivo de las exposiciones” (2003: 59): como expor, como situar, como organizar e, sobretudo, se “múltiplas miradas” estão presentes, múltiplos pontos de vista de quem expõe, múltiplas interpretações de quem visita. O que nos coloca a questão da musealização e da musealidade: escolhas são sempre subjetivas, apesar dos critérios objetivos definidos, assim, conforme a Museologia Crítica, devem ser explicitadas interna e externamente, o museu

18 Apresentado na XIII Reunião de Antropologia do Mercosul, 2019, intitulado Formulações políticas para formação de coleções contemporâneas – A curadoria indígena e os processos colaborativos em museus etnográficos.

Metamuseologia –

reflexividade sobre a tríade *musealia*, musealidade e musealização, museus etnográficos e participação indígena revelando-se. No sentido das escolhas e levando para a representação, Ames (2019: 59) indaga “O que ou quem as exposições representam, e para quem serão representadas” e destaca a diversidade de públicos dos museus e interesses:

Muitos são indiferentes aos museus e outros têm uma boa relação com eles. Os visitantes do museu esperam, e frequentemente demandam, aprender e se divertir, ao passo que aqueles cujas culturas estão expostas [constituents, povos originários] expressam preocupação quanto à forma como estão sendo usados para entreter os outros.

Sobre a subjetividade, a musealidade, como qualidade e valor atribuídos, vale-se dos referenciais disciplinares, por um lado, e culturais, por outro, complementarmente e sem juízo de valor sobre a “melhor” musealidade, a pluriversalidade que devemos aprender a produzir.

Suponhamos, então, que ao pensar o ‘futuro do museu’, não o restringimos ou tentamos impor uma opção (excelência), mas lhe abrimos a uma pluralidade de opções, algumas das quais serão descoloniais. [...] Caso contrário, sem uma abertura para deixar que a opção descolonial entre na conversa, os museus continuarão a reproduzir a ‘sintaxe subjacente’, a matriz colonial do poder. Uma vez que a conhecemos e estamos gerando conhecimento para descrever e explicitar a ‘sintaxe subjacente’, a colonialidade do poder, então devemos unir forças para mudar não apenas o conteúdo, mas os termos da conversa: isto é, a questão não é ‘renovar’ o museu, mas construir uma sociedade mais justa e pluriversal.” (MIGNOLO, 2018: 323)

A reivindicação dos povos originários à participação nos museus advém fortemente da década de 1980<sup>19</sup>, um bom exemplo:

‘Estamos bem cientes de que muitas pessoas têm dedicado o seu tempo, carreira e vidas para mostrar o que elas acreditam ser o retrato exato dos povos indígenas’, disse Georges Erasmus<sup>20</sup>, chefe nacional da Assembleia das Primeiras Nações, copatrocinadores do “Preserving Our Heritage”, em seu discurso de abertura (ASSEMBLY OF FIRST NATIONS<sup>21</sup>, 1989, p. 2). ‘Nós lhes agradecemos por isso’, continuou, ‘mas queremos virar a página’. (AMES, 2019: 60)

Enfrentamos as posições históricas dos museus quanto à forma como as coleções se formaram no passado, pois somos conhecedores de como a Antropologia se transformou nas últimas décadas.

Recognition of the value of western institution of the museum notwithstanding, the process of translating the concept to tribal<sup>22</sup> communities has not always been easy or straightforward. The notion of curating objects has historically been foreign and sometimes culturally problematic for many native communities. (HOERIG, 2010: 67)

19 Em Ames, 2019, temos um panorama da discussão no Canadá e no Museu da Antropologia da Columbia Britânica.

20 Sobre Georges Erasmus, ver: <https://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/georges-erasmus>.

21 A Assembleia das Primeiras Nações, organização nacional canadense criada em 1982 para harmonizar ações sobre questões que as Primeiras Nações concordam que são melhor tratadas coletivamente. A organização permanece “subordinada” às Primeiras Nações e só pode agir com sua autoridade delegada. Foi modelado na Assembleia Geral das Nações Unidas. 27/05/2014. Ver: First Nations, The Canadian Encyclopedia - <https://www.thecanadianencyclopedia.ca › article › first-nations>.

22 Usamos indígena e não tribal.

A ideologização da musealização faz uso da musealidade, o que a reflexividade, como método e posição política, pode evidenciar visões hegemônicas e colonialistas, ao aproximar profissionais do patrimônio e sociedade para que “reflexionemos sobre las valoraciones otorgadas al patrimonio e intentar desmontar los discursos, tanto institucionales como de la sociedad civil y de las comunidades, que continúan reproduciendo una noción intrínseca del patrimonio [...]”. (ÁVILA, PADILLA, 2016: 51)

Angélica Ávila e Federico Padilla (2016) discutem sobre *musealia*. Para os autores, se trata de um convite para uma dupla observação que, partindo do objeto em si para o objeto museológico, “[...] nos miramos mirando lo museal [...]” (ÁVILA, PADILLA, 2016: 52). “El objeto musealizado no es la cosa en sí, sino la cosa y mi percepción de la cosa en una red de relaciones significantes, en una relación de valoraciones mutuas” (ÁVILA, PADILLA, 2016: 53), isso num processo de conservação reflexivo estruturado na reciprocidade e na capacidade de negociação entre os envolvidos, profissionais do patrimônio e agentes comunitários. Com isso, tratam os *musealia* no processo de musealização como “objetos comunicantes” no acervo formado no trabalho conjunto, cuja gestão da memória e da representação é construção comunitária num processo de comunicação negociado para o alcance da musealidade.

#### 4. Considerações finais - A tríade e o método

Os objetos só se tornam *musealia* se houver musealidade: sentidos atribuídos que justificam sua suspensão. Contemporaneamente, a suspensão parte de diferentes ângulos, visões culturais diferentes e fragmentárias carregadas de perspectivas políticas na disputa pela musealidade que define o patrimônio e o museu.

A musealidade depende da musealização, que é um processo de operacionalização que não existe por si, mas para que os *musealia* sejam sustentados pela musealidade. Na musealidade estão as causas da musealização, mas resulta dela também, o que exige vigilância sobre a ideologização e manutenção de visões hegemônicas e colonialistas que, por isso, excluem. No museu democrático a inclusão é constitutiva, como é a multivocalidade (PADRÓ, 2003).

Mas a musealidade também permite e mantém a musealização, pois os sentidos dos *musealia* precisam ser revistos, atualizados, nenhum sentido é permanente ou único e os valores não são intrínsecos, assim, a musealidade precisa ser sustentada continuamente. É a musealização que permite o alcance da musealidade, mas a mantém e a atualiza no tempo e nos diferentes espaços, sob outros e distintos olhares, valores novos e plurais, em respeito a diversidade e os diferentes culturais, sujeitos implicados na musealização numa posição intercultural. Se a musealidade é o valor ou qualidade daquilo que é musealizado, é a musealização, como processo, que sustenta os valores ou qualidades no presente. Mas é no cotidiano que as reflexivas acontecem em mútua interação, a colaboração, com pesquisadores implicados na pesquisa não como observadores, da mesma forma que os *constituents* não são os informantes, outras parâmetros se abrem certamente:

Os museus e os antropólogos [acrescento os museólogos, educadores etc.] podem continuar a falar sobre os outros, embora, naturalmente, não mais por eles (um direito que deveria ter sido assumido, mas nunca o foi). Eles podem falar juntamente com aqueles

Metamuseologia –

reflexividade sobre a tríade *musealia*, musealidade e musealização, museus etnográficos e participação indígena

cujos materiais são guardados ou estudados. Eles podem continuar a falar sobre encontros culturais, histórias dos objetos e das instituições e das objetificações complicadas que ocorrem durante esse processo. (AMES, 2019: 62-63)

Os profissionais de museus são outros, não se ocupam somente das normativas prontas, precisam colocá-las em cheque, como devem estabelecer outras relações entre si, com os visitantes e com os povos originários, a transformação do museu requer um perfil profissional crítico, com uma formação reflexiva, para que a Museologia tenha a sua descolonização de pensamento intensificada.

A reflexividade como metodologia associada à colaboração e pesquisa-ação é uma aposta para a metamuseologia.

Si pensamos en dos o más individuos que observan con atención se abre la posibilidad de la comunicación, no tanto mediante la figura de la difusión por la cual uno le dice al otro, sino de una interacción en que se afecten mutuamente. (Galindo, 2006, p. 78) Finalmente, más allá de la representación museográfica [no Brasil, expográfica], suscribimos la idea de que el hecho museal enlaza lo humano con lo no humano y que la historia de nuestra musealización está inscrita en los espacios museográficos.” (ÁVILA, PADILLA, 2016: 53)

Em síntese, ao representar nos museus, falamos de nós mesmos, o que somos, o que pensamos, nossos princípios e valores postos em evidência pela reflexividade.

## Referências

AMES, Michael. “Cannibal tours”, “glasses boxes” e a política de interpretação. In: OLIVEIRA, João Pacheco de; SANTOS, Rita de Cassia (Org.). *De acervos coloniais aos museus indígenas: formas de protagonismo e de construção da ilusão museal*. Trad. Rafaela Mendes Medeiros, revisão de Rita de Cássia Melo Santos. João Pessoa: Editora da UFPB, 2019, p.51-68.

ÁVILA MELÉNDEZ, Norma Angélica. Ética y Reflexividad: Experiencias Museológicas Comunitarias en México. *ICOFOM Study Series*, 43b, 2015, p. 25-36.

ÁVILA MELÉNDEZ, Norma Angélica; PADILLA GÓMEZ, Federico. Apuntes sobre el Proceso Museal. La exposición como archivo en proceso. *ICOFOM STUDY SERIES - ISS*, Paris: Icofom/Icom, n. 44, 2016, p. 47-55.

BARAÇAL, Anildo Bernardo. *O objeto de Museologia: A via conceitual aberta por Zbynek Zbyslav Stránský*. 124 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, UniRio/Mast, 2008.

BRULON, Bruno. Provocando a museologia: o pensamento geminal de Zbynek Z. Stránský e a Escola de Brno. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo: Museu Paulista, v. 25, n. 1, 2017, p. 403-425.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Os territórios da memória e a memória dos territórios. Palestra proferida no Programa de Doutorado em Museologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2015. 7 p. mimeo.

CARVALHO, Luciana Menezes de. *Em direção à museologia latino-americana*. O papel do Icofom LAM no fortalecimento da museologia como campo disciplinar. Dissertação (mestrado em Museologia) – Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, UniRio/MAST, 2008.

\_\_\_\_\_. *Do museu a museologia: constituição e consolidação de uma dis-*

ciplina. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, 2017.

CERÁVOLO, Suely Moraes. Tecendo interfaces teóricas e metodológicas por sobre o conceito museologia: o exercício de uma tese. In: GRANATO, Marcus; SANTOS, Claudia Penha dos; LOUREIRO, Maria Lucia N. M. *Museu e museologias: Interfaces e perspectivas*. Rio de Janeiro: MAST, 2009. (Mast Colloquia 11), p. 7-24.

\_\_\_\_\_. “Em nome do céu, o que é Museologia”? Perspectivas de museologia através de publicações. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. São Paulo: USP: MAE, n. 14, 2004a, p. 311-343.

\_\_\_\_\_. Delineamentos para uma teoria da Museologia. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo: USP: MP, v. 12, 2004b, p. 237-268.

CURY, Marília Xavier. The sacred in museums, the Museology of the sacred – the spirituality of indigenous people. *ICOFOM STUDY SERIES - ISS*, n. 47, 2019a, p. 89-104.

\_\_\_\_\_. Museu e exposição – O exercício comunicacional da colaboração e da descolonização com indígenas. In: *Museu Goeldi: 150 anos de ciência na Amazônia*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2019b, v.1, p. 313-348.

\_\_\_\_\_. La museología y lo sagrado – La resacralización del museo. In: MAIRESSE, F. (Ed.). *Museology and the sacred*. Materials for the discussion. Paris: Icofom, 2018, p. 60-64.

\_\_\_\_\_. Circuitos museais para a visita crítica: descolonização e protagonismo indígena. *Ritur*, v. 7, 2017a, p. 87-113.

\_\_\_\_\_. Lições Indígenas para a descolonização dos Museus – Processos comunicacionais em discussão. *Cadernos Cimeac*, v. 7, n. 1, 2017b, p. 184-211.

\_\_\_\_\_. Direitos indígenas no museu – Novos procedimentos para uma nova política: a gestão de acervos em discussão – Introdução. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Direitos indígenas no museu – Novos procedimentos para uma nova política: a gestão de acervos em discussão*. São Paulo: Secretaria da Cultura: ACAM Portinari: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2016, p. 12-22.

\_\_\_\_\_. Museologia. Marcos referenciais. *Cadernos do CEOM*. Chapecó: Argos, v. 18, n. 21, 2005, p. 45-73.

DESVALLÉES, André. Cent quarante termes muséologiques ou petit glossaire de l'exposition. In: BARY, Marie-Odile & TOBELEM, Jean-Michel (dir.). *Manuel de muséographie: petit guide à l'usage des responsables de musée*. Haute-Loire: Séguier/Option Culture, 1998.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (Dir.). *Conceitos-chave de Museologia*. Tradução e comentários de Bruno Brulon e Marília Xavier Cury. São Paulo: ICOM Brasil, SEC-SP, 2013.

\_\_\_\_\_. *Dictionnaire encyclopédique de muséologie*. Paris: Armand Colin, 2011.

DICIONARIUM MUSEOLOGICUM. Budapeste: CIDOC, 1986.

DÓLAK, Jan. O museólogo Zbyněk Zbyslav Stránský – Conceitos básicos. In: SOARES, Bruno Brulon; BARAÇAL, Anaildo Bernardo (Org.). *Stránský: uma ponte Brno – Brasil*. Paris: Icofom, 2017, p. 178-187.

GUARNIERI, Waldisa Russio Camargo. L'interdisciplinarité en Muséologie. *MuWop/DoTraM*, Estocolmo: ICOM, n. 2, 1981, p. 58-59.

HOERIG, Karl A. From third person to first: A call for reciprocity among non-native and native museums. *Museum Anthropology*, v. 33, n. 1, 2010, p. 62-74.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Musealização: um juízo/uma atitude do campo da

Metamuseologia –

reflexividade sobre a tríade *musealia*, musealidade e musealização, museus etnográficos e participação indígena museologia integrando musealidade e museália. *Ciência da Informação*, v. 42, n. 3, set./dez., 2013, p. 379-398.

MENSCH, Peter van. *O objeto de estudo da Museologia*. Tradução de Débora Bolzanello e Vânia Dolores Estevam de Oliveira. Rio de Janeiro: UNIRIO, 1994. 22 p. (Prétextos Museológicos, 1).

MIGNOLO, Walter. Museus no horizonte colonial da modernidade. Garimpendo o museu (1992) de Fred Wilson. *Museologia & Interdisciplinaridade*, v. 7, n. 13, jan./jun. 2018, p. 309-324.

MORA, Cláudia Corvi, GANDHOUR, Nada. ICOFOM, 20 ans de travaux (1977-1997): evolution et extension de la théorie muséologique de l'ICOM. *ICOFOM STUDY SERIES - ISS*, n. 28, 1997, p. 44-55.

NÓBREGA-TERRIEN, Sílvia Maria; MENEZESA, Eunice Andrade; TERRIEN, Jacques. A reflexividade como busca de sentidos e significados: contribuição na formação dos saberes docentes. *Educação em foco*, v. 18, n. 25, 2015, p. 171-199.

OLIVEIRA, João Pacheco de; SANTOS, Rita de Cassia. Introdução. In: OLIVEIRA, João Pacheco de; SANTOS, Rita de Cassia (Org.). *De acervos coloniais aos museus indígenas: formas de protagonismo e de construção da ilusão museal*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2019, p. 7-25.

PADRÓ, Carla. La museología crítica como una forma de reflexionar sobre los museos como zonas de conflicto e intercambio. In: LORENTE, Jesús-Pedro (Dir.); ALMAZÁN, David (Coord.). *Museología crítica y arte contemporánea*. Zaragoza: Prensas Universitarias Zaragoza, 2003, p. 51-70.

ROCA, Andrea. Acerca dos processos de indigenização dos museus: uma análise comparativa. *Mana*, v. 21, n. 1, 2015a, p. 123-155.

\_\_\_\_\_. Museus indígenas na Costa Noroeste do Canadá e nos Estados Unidos: colaboração, colecionamento e autorrepresentação. *Revista de Antropologia*, v. 58, 2015b, p. 117-142.

SCHREINER, Klaus; SCHWERIN, Alt. [Museum object – what and why]. *ICOFOM STUDY SERIES - ISS*, n. 06, 1984, p. 24-28.

SILVA, Fabíola Andréa. “Leva para o museu e guarda”. Uma reflexão sobre a relação entre museus e povos indígenas. In: CURY, Marília Xavier. (Org.). *Museus e indígenas: saberes e ética, novos paradigmas em debate*. São Paulo: Secretaria da Cultura: ACAM Portinari: MAE/Universidade de São Paulo, 2016, p. 71-79.

SOARES, Bruno Brulon. A museologia reflexiva: recompondo os fundamentos de uma ciência contemporânea. In: SOARES, Bruno Brulon; BARAÇAL, Anaildo Bernardo (Org.). *Stránský: uma ponte Brno – Brasil*. Paris: Icofom, 2017, p. 144-160.

SOARES, Bruno Brulon; BARAÇAL, Anaildo Bernardo (Org.). *Stránský: uma ponte Brno – Brasil*. Paris: Icofom, 2017.

SOFKA, Vinos. My adventurous life with ICOFOM, museology, museologists, anti-museologists, giving special reference to ICOFOM Study Series. *ICOFOM STUDY SERIES - ISS*, v. 1, 1995, p. 1-25. (Reimpressão).

STRÁNSKÝ, Zbyněk Z. O objeto da Museologia. In: BRULON, Bruno; BARAÇAL, Anaildo Bernardo (Org.). *Stránský: uma ponte Brno – Brasil*. Paris: Icofom, 2017, p. 18-27.

STRÁNSKÝ, Z. Z. Sobre o tema “Museologia – ciência ou apenas trabalho prático?” (1980). Tradução Teresa Scheiner. *Museologia e Patrimônio*, n. 1, p. 101-105, jul./dez. 2008, p. 101-105.

VAZ, IVAN GOMIDE RAMOS. Sobre a musealidade. Dissertação (Mestrado em Museologia) – Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia, Universidade de São Paulo, 2017.